PÂNICO MORAL E O LIVRO "O AVESSO DA PELE": CURRÍCULO, DESINFORMAÇÃO E PEDAGOGIAS CULTURAIS NA INTERNET

Eixo 4 – Práticas Educativas em espaços escolares e não escolares

Iussufa Tcham[1]
Tiago Duque[2]

Introdução

A obra **O Avesso da Pele**, de Jeferson Tenório, narra a trajetória de Pedro, personagem que busca compreender a morte do pai, assassinado pela polícia, abordando temas como identidade, racismo estrutural, violência policial, direitos humanos e necropolítica (Luiz; Silva; Cabral, 2023). Em 2024, a obra foi censurada em, pelo menos, três estados brasileiros: Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás, sob a justificativa de ser inadequada para adolescentes do ensino fundamental. Entretanto, além de vencedora do Prêmio Jabuti, em 2021, foi indicada, em 2022, pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD (Santana, 2024). A polêmica teve início após a divulgação, por uma diretora de escola do Rio Grande do Sul, de um vídeo em sua página no Facebook, no qual expôs um trecho isolado da obra, alegando que o livro seria impróprio por conter cenas de sexo.

A partir desse episódio, intensificaram-se as disputas em torno da censura, compreendida, neste estudo, como um processo de produção de identidades a partir dos marcadores sociais das diferenças, uma vez que a obra trata da realidade de homens negros, brasileiros, pobres e vítimas da violência policial. Nesse contexto, compreendendo as redes sociais como espaços pedagógicos que produzem discursos e pânicos morais, busca-se responder à seguinte questão de pesquisa: qual é o currículo e a pedagogia cultural da desinformação produzidos em artefatos midiáticos que envolvem a censura do livro **O Avesso da Pele** no Brasil?

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como os artefatos midiáticos participam da produção de discursos sobre a censura de obras literárias e operam pedagogicamente na constituição de sentidos, subjetividades e pânicos morais. Ao analisar conteúdos relacionados ao livro *O Avesso da Pele*, pretende-se contribuir para as discussões sobre currículo, pedagogias culturais e desinformação nas plataformas digitais.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar o currículo e a pedagogia cultural da desinformação produzidos em artefatos midiáticos relacionados à censura do livro **O Avesso da Pele** no Brasil. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, ancorada nas perspectivas pós-críticas em Educação e em diálogo com os Estudos Culturais, compreendendo que a aprendizagem também se produz em espaços sociais e culturais para além da escola (Oliveira; Nascimento; Corrêa Junior, 2025).

Como procedimento metodológico, adotou-se a etnografia digital, compreendida como uma abordagem que não se distancia da etnografia tradicional, uma vez que o campo on-line, assim como o off-line, constitui espaço de observação etnográfica. Dialogando com Duque (2024), a etnografia digital é compreendida como uma interação na praça pública, em avenidas, onde o pesquisador não precisa se anunciar como interessado em pesquisar ou na interação que ali se faz.

---

[1]Iussufa Tcham, cidadão guineense da nacionalidade, estudante de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-Fach). Membro de Impróprios, Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças. Atualmente pesquisador de iniciação científica Pibic. Iussufa_tcham@ufms.br.
[2] Tiago Duque professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Tiago.duque@ufms.br.

Assim, nossa etnografia baseia-se na observação das interações envolvendo os artefatos analisados para o levantamento dos dados. Diferentemente da presença física no campo, como tradicionalmente exige a etnografia, as visualizações dos vídeos e os acessos às plataformas digitais, como YouTube, TikTok e Facebook, também interferem no campo, pois "implicam não somente as informações visíveis aos proprietários e à sua audiência, mas a própria dinâmica desses canais ao serem produzidos, circularem e serem vistos" (Malinowski, 1976; Duque; Seffner, 2022).

O corpus foi constituído por dez artefatos midiáticos (A1–A10), publicados no YouTube e TikTok, selecionados durante as perambulações digitais em função das interações que suscitaram. Considerando pesquisas qualitativas anteriores com artefatos culturais, dez artefatos demonstraram ser suficientes para atingirmos nosso objetivo. A seleção desses artefatos foi feita a partir do acesso a um número bem maior de produções midiáticas. Selecionamos aqueles que mais diferenciavam entre si e que apresentavam dados diversos quando comparados com outros artefatos acessados via busca e/ou algorítmicos. Os dados foram produzidos por meio da observação dos vídeos, comentários e demais interações nas plataformas, sendo analisados à luz das discussões sobre currículo, pedagogias culturais e desinformação (Duque, 2024).

Medo da perda da moralidade normatizada

Ao nos referirmos ao conceito de medo da perda da moralidade normatizada, tratamos do pânico moral a partir da análise do vídeo divulgado por uma diretora de uma escola no Rio Grande do Sul no Facebook e das proposições discursivas e interações sociais dele decorrentes. No material, observa-se a extração de um trecho isolado da obra literária com o objetivo de provocar pânico moral. Assim, compreendemos que o vídeo atua como um instrumento de controle social e de governamentalidade da vida em sociedade.

Nos dez artefatos analisados, os comentários classificam, de forma recorrente, o livro como destinado a crianças, especialmente em plataformas como YouTube e TikTok. Entre as manifestações, destacam-se enunciados como: *"livro totalmente pornográfico para crianças. Tem que punir os responsáveis por isso", "que tal a sua filha ou seu filho ler esse livro, sobre cenas de sexo e drogas" e "escola tem q encinar matemática história português geografia não putaria".*

E no vídeo A2 dos artefatos mencionado, há uma mulher branca, cabelo pintada branca, numa biblioteca, fazendo uma análise da censura do livro em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Em sua fala, ela ressalta que o livro faz uma crítica contundente ao racismo e considera a censura um absurdo. Nas interações, é possível ler comentários que relacionam o livro à palavras consideradas inapropriadas tanto para escola como para crianças, como: *"combater racismo não tem nada com putaria"; "Falou e falou, mas não falou nada. Seus argumentos são vazios pois ser vendido para outros países e receber um jabuti não garante a adequação dele para determinada faixa etária. 🧐seja honesta"; "fico pensando como educar crianças, com um livro que tem uma palavriado desse nível! poderia ter escolhido melhor as palavras p falar de racismo se colocar a sexualidade no meio 🧐".*

Observa-se que tais comentários expressam interpretações distanciadas do público-alvo da obra, conforme o guia do PNLD (Brasil, 2024). Embora o livro seja destinado a adolescentes, os discursos analisados deslocam o debate para um suposto risco às crianças, mobilizando o medo como estratégia argumentativa e produzindo uma regulação moral em torno da obra. Nesse contexto, observa-se a produção de um discurso característico do pânico moral, no qual a obra passa a ser representada como uma ameaça à infância e aos valores sociais. Assim, os comentários legitimam práticas de censura e desqualificação da obra ao reforçarem uma narrativa de perigo baseada na proteção das crianças (Costa, 2022).

Currículo Torcido e a Pedagogia da Desinformação

Como afirmam Duque e Seffner (2022), os estudos de currículo e pedagogias digitais devem considerar os algoritmos, em razão dos modos de processamento e dos recortes que realizam dos dados, pois estes são indispensáveis para pensar os artefatos digitais. Nessa perspectiva, compreende-se que o currículo pode assumir formas torcidas, produzindo aprendizagens baseadas na desinformação, no pânico moral e na circulação de discursos que distorcem o sentido real da obra **O Avesso da Pele** (Duque, 2023). Ao analisar o vídeo enquanto artefato, compreende-se o currículo cultural como um conjunto de aprendizagens que circulam para além dos espaços escolares, produzindo sentidos, valores e formas de ver o mundo. Nos vídeos selecionados, anteriormente citados como parte dos nossos artefatos, o currículo e a pedagogia cultural da desinformação operam por meio da representação de significados morais, assim como das críticas favoráveis e contrárias à censura. Observa-se, de forma recorrente, a repetição de frases como: *"eles têm filho dessa idade, leva para eles"* ou *"que tal a sua filha ou filho ler um livro com cenas de putaria?"*.

Nesse contexto, questionar a legitimidade do livro "**O Avesso da Pele**" para crianças e adolescentes pode configurar-se como desinformação. Em primeiro lugar, porque a obra não é destinada ao público infantil, mas a adolescentes do ensino fundamental, que já possuem acesso a múltiplas fontes de informação, inclusive por meio das redes sociais, muitas vezes mais amplas do que o próprio conteúdo do livro. Em segundo lugar, porque tal enquadramento desvia-se das reais intenções tanto da obra quanto do debate que ela propõe, ao classificá-la como inapropriada e, desse modo, esvaziar sua potência crítica e reflexiva.

Os vídeos, que defendem a censura do livro constroem um discurso fundamentado, sobretudo, na ideia de proteção moral dos estudantes. Em diversos momentos, os produtores de conteúdo, assim como as interações observadas em nossos artefatos, mencionados, sob análise, apresentam determinados trechos da obra como inadequados ao ambiente escolar, enfatizando elementos como linguagem explícita, sexualidade e violência. Desse modo, o livro passa a ser representado como uma ameaça aos valores familiares e à educação tradicional.

O currículo cultural presente nesses vídeos ensina, de maneira implícita, que determinados temas, sobretudo raça, sexualidade, violência social e desigualdade, devem ser silenciados ou evitados. Tal dinâmica aproxima-se do que Miskolci define como "grupos que fazem uso de diferentes táticas, com o objetivo de conquistar ou influenciar a opinião pública" (2023, p. 13). Em contrapartida, os vídeos contrários à censura, no quadro acima, exceto A3 e A6, defendem o livro como uma obra literária relevante para a compreensão de questões sociais contemporâneas, especialmente relacionadas ao racismo, à violência e à identidade negra no Brasil.

No artefato A1, publicado no TikTok, uma atriz e escritora lê o mesmo trecho da obra anteriormente apresentada pela diretora. Entretanto, diferentemente da leitura utilizada para justificar as críticas ao livro, a autora do vídeo comenta o excerto questionando os ataques dirigidos à obra. Em sua fala, defende que *O Avesso da Pele* aborda questões relacionadas ao racismo, ressaltando sua relevância literária e problematizando as interpretações que buscam desqualificá-lo. Essa posição também se manifesta nas interações dos usuários, por meio de comentários como: *"Agora me sinto quase que obrigado a conversar e ler essa obra. obrigado por isso."; "esse livro é muito necessário* 👉👉👉👉🖤*."; "*👏👏👏👏👏👏❤️❤️❤️*."* *"'o avesso da pele' é um livro necessário em todas as escolas para estimular as discussões sobre letramento racial.*

O mesmo movimento é observado no artefato A5, no qual uma jovem negra de cabelo crespo num quarto aparentemente dormitório, realiza uma análise da capa da obra O Avesso da Pele, assim como a censura, na sua fala destacando o simbolismo presente na imagem. Em sua interpretação, a janela representada na capa remete à cela construída sobre as costas de uma pessoa negra, evidenciando marcas históricas de opressão e racismo. Além disso, a autora do vídeo argumenta que a censura não apenas silencia, mas também corrói e mata, ao impedir a circulação de obras que

promovem reflexões sobre essas questões. Nas interações lê-se comentários***:*** *"um absurdo esse livro ter sido censurado." "livro primoroso" "* 👏 👏 👏 *".*

Nesses conteúdos, a literatura é apresentada como instrumento de reflexão crítica e de formação cidadã. Os produtores dos vídeos argumentam que retirar o livro das escolas representa uma ameaça à liberdade de expressão e ao direito ao conhecimento. Assim, a censura é compreendida como prática autoritária que limita o pensamento crítico.

Considerações Finais

A partir deste estudo, evidenciou-se que a controvérsia em torno da circulação do livro **O Avesso da Pele** nas escolas brasileiras ultrapassa o debate pedagógico sobre conteúdos literários e se constitui como parte de disputas em torno da moralidade, da autoridade e da produção de verdades na sociedade contemporânea. As análises dos artefatos digitais demonstraram que as redes sociais atuam como espaços pedagógicos, nos quais vídeos, comentários, curtidas e compartilhamentos produzem currículos culturais que disputam sentidos sobre educação, literatura, raça, sexualidade e liberdade de expressão (Oliveira; Maknamara; Ribeiro, 2025). Nesse contexto, observou-se que parte dos conteúdos analisados mobiliza estratégias de desinformação, descontextualização da obra e pânicos morais para legitimar sua censura e reforçar discursos de controle e proteção da infância.

Diante disso, responde-se ao problema desta pesquisa ao compreender que o currículo e a pedagogia cultural da desinformação presentes nos artefatos midiáticos relacionados à censura de **O Avesso da Pele** constituem-se por meio de práticas discursivas que ensinam formas de interpretar a obra, orientam posicionamentos morais e políticos e produzem efeitos na constituição dos sujeitos. Ao selecionar e legitimar determinados discursos, esses currículos e pedagogias culturais invisibilizam a complexidade dos debates sobre racismo, educação e democracia. Assim, conclui-se que as mídias não apenas informam sobre a censura da obra, mas também educam, regulam condutas e participam da disputa pelos sentidos que atravessam o currículo. Nessa perspectiva, os processos educativos precisam ir além do combate à desinformação como oposição entre verdade e mentira, analisando como discursos e relações de poder moldam subjetividades e intensificam o medo.

Referências

COSTA, Tássio. **Anarqueologia do pânico moral.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

COSTA, Tássio; DUQUE, Tiago; CARVALHO, Alexandre Filordi. Pânico moral contra Barbie: notas sobre uma professora travesti em reverberações midiáticas. *In:* RODRIGUES, Alexandre; SEPULVEDA, Denize; CAETANO, Marcio (org.). **Éticas, estética, políticas das pesquisas nos dos com os cotidianos das dissidências**. Bahia: Devires, 2025. p. 34-50.

DUQUE, Tiago. Deve o pesquisador tomar catuaba? *In:* OLIVEIRA, Danilo A.; SILVA-SILVA, Luiza C.; SALES, Shirlei. **Metodologias de Pesquisa Científica no ciberespaço/cibercultra.** Curitiba: Appris, 2024. p. 41-59.

DUQUE, Tiago. O quadro preso e a proibição da linguagem neutra: ofensiva anti-igualitária em Mato Grosso do Sul. **Revista da FAEEBA** - Educação e Contemporaneidade, v. 32, p. 31-49, 2023.

DUQUE, Tiago; SEFFNER, Fernando. A epistemologia do segundo armário: canais de gays HIV+ no YouTube como artefatos pedagógicos. **Vivência**: Revista de Antropologia, Natal, n. 60, p. 95-115, 2022.

LUIZ, Lisiane Oliveira e Lima; SILVA, Gisele Maira Tita Nazário da; CABRAL, Rayssa Duarte Marques. A constituição do sujeito negro em O avesso da pele, de Jeferson Tenório: uma emersão de temas contemporâneos. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 32, p. 172-194, 2023.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanêsia. 1. ed. São Paulo: Victor Civita, 1976, p. 1-163.

MISKOLCI, Richard. Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de Covid-19. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 25, p. 1-26, 2023.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; MAKNAMARA, Marlécio; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Apresentação. *In:* OLIVEIRA, Danilo Araujo de; MAKNAMARA, Marlécio; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Pedagogias e Currículos Culturais não Escolares**: culturas digitais, diferença e subjtivação. Curitiba: editora CRV, 2025, p. 11-24.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do; CORRÊA JUNIOR, Salvador Pereira Campos. O que pode um "corpo recusado"? *In*: SATHLER, Contrado Neves; OLIVEIRA, Esmael Alves de. (Org.). **Corpos Insubmissos**: Políticas, (Est) Éticas e Resistência. Itapiranga: SC: Schreiben, 2025. p. 17-31.

SANTANA, A. Entenda por que o livro O avesso da pele foi banido de escolas em quatro estados. **Jornal Correio.** O assunto. 09/03/2024. Disponível em**:** https://www.correio24horas.com.br/entretenimento/entenda-por-que-o-livro-o-avesso-da-pele-foi-banido-de-escolas-em-quatro-estados-0324. Acesso em: 10 ago. 2025**.**